



S. PAIO DE ANTAS
— ESPOSENDE —

ANO III N.º 26
JANEIRO DE 1960

Composição e impressão:
Escola Typ. da Oficina de S. José
— B R A G A —

ANO NOVO-VIDA NOVA

Despontou 1960. Chegamos ao princípio. Ao fim só Deus sabe. Este pensamento deveria levar-nos a viver o ano que principiou como se fosse o último da nossa vida. E pode ser. Para muitos será! E' preciso portanto torná-lo rendoso aos olhos do Senhor. E' necessário que ele seja vivido cristãmente por todos os filhos de S. Paio. Que não seja um ano como tantos outros em que pensamos em muitas coisas, menos na única necessária — *a salvação da nossa alma.*

Não nos contentemos com um regime de dieta na nossa vida espiritual. Os Sacramentos foram instituídos por Nosso Senhor Jesus Cristo por causa dos homens. Para que os homens o recebessem. Não para que os homens deles se obstivessem.

Começou um novo ano. Começamos vida nova. Recuperemos o tempo perdido.

Há quanto tempo te não confessas? Não te desculpes. Quando te sentes doente vás ao médico. A tua alma está enferma e não te preocupas com a saúde dela. Alimentas o corpo. A alma procuras torná-la cada vez mais débil, cada vez mais anémica!... Queres ser um tuberculoso espiritual... Procuras abafar a voz do remorso que te reprova o teu modo de proceder. E esqueces-te de que procedendo assim cada vez espicaças mais o remorso. Ele continuará a recriminar-te.

A criança que tem fome ou sede não se cala enquanto não lhe derem de comer ou de beber. E queres que a voz da tua consciência se cale!... E' a tua alma a dizer-te que têm fome de Deus. Quer que a alimentes com os Sacramentos. Quer que lhe mates a sede de Deus com a oração e assistência à missa.

Quantas vezes te tens deitado sem rezar o terço com a tua família! Sem rezar devotadamente ao menos três *Avé Marias* junto do teu leito, para que Deus abençoe o teu descanso! E dizes-te cristão. E ofendes-te se te disserem que negas com o teu procedimento a religião que dizes professar. Dizes-te cristão e vives como pagão! Não concordas? Vejamos.

E's cristão e não te alimentas do Pão Eucarístico. E não queres que a tua alma fique anémica e sem forças para vencer as lutas da vida. A tuberculose espiritual ronda-a de perto! Tem cautela!

E's cristão e não assistes á missa ao domingo. Ou pelo menos qualquer pretexto te serve para te dispensares do cumprimento deste preceito.

E's cristão e sentas-te à mesa sem elevar o teu pensamento até Deus. Deitas-te sem te lembrares de que pode ser essa a última noite da tua vida. Começa vida nova com o ano que desponta.

Aquela cangosta

No inverno aquele caminho é mau. Ali se despejam os enxurros de Azevedo e por ali se demoram, prèguiçosamente, sem presas, até que o sol de verão deles se lembre, para aliviar os ardores em dias de calmaria.

As casas vão rareando à medida que o caminho desce. Ao fundo, duas, quase de mãos dadas, por ali se ficaram, desgarradas, sem coragem de se aproximarem do povoado. Casas humildes, celadinhas ao chão, a fugir de dar nas vistas. Depois o caminho, mais aliviado, descongestiona-se e desdobra-se em dois e os dois vão seguindo às curvas por onde lhes apetece, sem brios de portais a respeitar. Um deles dá em tropeçar em penedias, até que o chão começa a ceder e ei-lo enfiando por entre dois valados fundos, cobertos de arvoredo, donde se esquivava a custo, tolhido e assustado, depois de obrigado a uma curva difícil. É uma cangosta. Todos a conhecem mas eu não quero dizer o nome para não atemorizar ninguém.

É que aquela cangosta tem história. Uma história tão antiga que a tradição popular quese lhe perdeu o fio. Hoje apenas se fala em coisas ruins que por ali aparecem, à meia-noite, naquela fonte esquiua, a que o sol nunca teve coragem de se chegar. Mas factos concretos que eu saiba ninguém os aponta. Vou apontá-los eu que os li numa letra danada de um pergaminho de pele de coelho, a desfazer-se de velho, onde ratos sem conta e sem vergonha se haviam desforrado de fomes atrasadas.

* * *

Como é sabido de quase toda a gente nos tempos dos nossos primeiros reis andavam por aí mouros e mouras à solta, onde era lei malharem como em centeio verde. Tanto malharam os nossos velhos antepassados que vá de espantá-los para terras mais deslavadas que a nossa e bem feito foi que não era gente de boa religião.

A verdade, porém, é que um ou outro se escapou talvez disfarçado em romeiro ou almocreve e se foi ficando por estas terras de Cristo. Ninguém sabe como foi mas o certo é que pelo toutiço de alguns deles passou a ideia de se esconderem nem mais nem menos que na dita cangosta. Tais manhas usavam que de dia ninguém lhes pregava olho em cima. Mas à meia-noite era ouvir o regabofe que eles faziam, ali memo,

na curva junto daquela fonte despreocupada, que por essa altura ali se lembrou de rebentar, talvez atraída pelo pagode. Luzes, vozes, barulhos. O diabo pintado a sete.

Foi por essa ocasião que se deu o facto que vou contar, direitinho como o ouvi, sem aumentar um ponto. Havia em S. Paio um lavrador rico de bens e fornecido de gado que soltava os animais pelos caminhos na mira de os engordar sem prejuízo da erva das suas leiras. Os animais compreendiam a intenção do dono e era vê-los, sem cuidados a pastar nos beirais. À noite, regressavam, por sua iniciativa, entretidos com a digestão e regalados da vadiagem.

Mas uma vaca galega, parida de há pouco, deu em aparecer em casa fora de horas, fartinha que era em louvar a Deus mas... leite de grilo. Trazia as tétas mais espremidas que um limão e a pobre da cria puxava com quanta força tinha, mas mal aranjava para a cova de um dente. O lavrador desconfiou que havia gente a comer lhe a pinha e porque não estava para alimentar malandros, vá uma tarde de espreitar a vaca. Quando as trindades principiavam a descer pelas encostas e eram horas de recolher, vê com grande espanto a vaca entrar para a cangosta. Desata a correr, surpreendido por aquela mioleira fora de propósito e com tanta sorte que ainda conseguiu agarrar-se ao rabo do animal. A vaca foi indo, foi indo, deu a curva da cangosta sempre com o homem atrelado ao rabo e pára precisamente junto da fonte, onde se deitou a comer uma erva verdinha, de criar água na boca, que ali crescia. O homem bem a tanguia, que não se sentia nada à vontade num sítio daqueles, mas a desavergonhada da vaca não se incomodava que pastios como aquele não havia muitos. Às tantas, das profundas da fonte desatam a sair mouros e mouras sem dizerem palavra ao lavrador que se benzia do que via.

Um dos mouros vai tirar o leite à vaca, ali mesmo nas barbas do dono, sem que o pobre homem se desamarrasse do rabo, se não ficava encantado. O que o homem ali não viu, santo Deus! O banco, o caneco, as tijelas, as colheres, a candeia, tudo era de ouro a reluzir.

Por ali esteve o infeliz, passado de susto e de espanto, até que o animal, com a pança bem refastelada se resolveu a voltar.

Quando chegou a casa contou tudo à

NATAL EM S. PAIO

Festa do Natal

Tem um sabor especial, para quem esteve ausente, por largo tempo, passar de novo o Natal na humilde aldeia que nos viu nascer. Tudo nos impressiona e faz vibrar, sentir e apreciar os costumes da nossa terra.

Novena preparatória

Muito concorrida. Lindos cânticos primorosamente executados pelo orfeão. Parabéns. Tudo decorreu com encantadora simplicidade. Mas não é a simplicidade a nota dominante da Festa do Natal?

Consoada

Muito movimento, nos caminhos da nossa aldeia. Chegavam as criadas com as prendas dos patrões. Os que ganham a vida fora da terra vieram também. Nem todos. Os que puderam. Os estudantes tinham chegado dois dias antes. Com eles mais animação e mais alegria. E' dos seus pergaminhos. Gostei de os ver todos em volta do nosso Reitor. E' sinal que não se envergonham da sua crença!

Ao cair da noite, diminuiu o movimento. Todos se recolheram. Na intimidade da família e do lar é que a consoada sabe bem!

A' meia noite não faltaram os foguetes.

Na igreja

Presépio mimoso e lindo. Missa cantada. Vozes afinadas. Belos acordes no harmónio. Almas em festa. Calor nos corações. Beijos cheios de ternura no Deus-Menino. Prendas e moedas nas bandejas. Nada faltou. A última das seis missas que foram celebradas na nossa igreja principiou às 10 horas e 30 minutos. Bastantes assistentes a todas elas. Graças a Deus.

mulher, mas tão tolhido ficou que passados três dias morreu.

E' por isso que ainda hoje, ainda se diz aparecerem à meia-noite, naquela cangosta, coisas ruins, mesmo junto da fonte, onde o sol nunca tem coragem de chegar.

Ano novo

Missa cantada. A mesma afinação nas vozes. Os mesmos acordes no harmónio. O mesmo calor nos corações. A mesma devoção no nosso povo. Muitas comunhões. Era a primeira sexta feira do mês e do ano. Era necessário entrar no novo ano em cheio.

Festa dos Reis

Com ela se encerraram as solenidades do Natal. A parte religiosa realizou-se no dia 6. De manhã, duas missas. De tarde, adoração e sermão. Foram também leiloadas neste dia as prendas do Menino.

No domingo seguinte, tradicional e animado descante popular entre Maria Rocha e Teixeira de Ovar. A' tarde, no adro da igreja. A' noite, em recinto apropriado e preparado, junto da capela de S. João. Os cantadores agradaram aos mais exigentes. Inspiração popular em cheio. E nenhuma palavra digna de censura. Assim vale a pena manter as tradições dos nossos maiores. Parabéns à Comissão Organizadora.

De véspera, tinha sido tirada a esmola dos Reis. Animação. Música pelas portas. E generosidade por parte do povo da nossa terra!

Também, no dia 10, um grupo de crianças andou pelas portas a cantar as janeiras missionárias. Mais uma nota alegre o encerrar as solenidades do Natal. Mais uma iniciativa digna de louvor, para que a alegria do Natal se estenda aos pagãos da África.

Conservemos as tradições da nossa terra. Proeuremos imprimir-lhe um cunho cada vez mais cristão, para que o Natal seja entre nós, cada vez mais íntimo, mais alegre e mais santo.

De França para passar o Natal com a família, vieram:

Luís Vicente Rei
Laurentino Meira do Vale
Bernardo de Azevedo Viana
José Joaquim Durrães Moreira
João de Sá

